



**Entrevista concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após o encontro com prefeitos de cidades alagadas no Piauí  
Teresina-PI, 05 de maio de 2009**

**Jornalista:** O senhor atribui as enchentes a alguém?

**Presidente:** Não, veja, não é possível você culpar alguém, porque são décadas e mais décadas de equívocos das administrações públicas neste país. Quando você chega em uma cidade como o Rio de Janeiro e você vai visitar uma favela grande, o que você descobre? Que há quarenta anos aquilo era uma fazenda e que, por desleixo administrativo, aquilo foi transformado em uma favela, quando poderia ter sido transformado em um bairro.

Eu estava dizendo para o Wellington já da outra vez, conversei com o prefeito da época que, na hora que a gente vai construir um conjunto habitacional novo, nós temos que levar em conta que a gente não pode construí-lo em área que vai dar enchente. Porque nós temos uma várzea do rio, essa várzea é pra ser ocupada pelo rio mesmo e quando chove é para lá que a água vai. Ou seja, nós não poderemos construir casa em lugares que nós sabemos que mais dia menos dia vai dar enchente. Por isso é que todas as cidades do Brasil precisariam ter planos diretores para que a gente pudesse fazer os investimentos corretos. E não é só em algumas cidades não, é quase em todas. Você pega a cidade de São Bernardo, onde eu moro, você pega a cidade de Santo André... tem muitos bairros em locais que não deveriam ter sido feitos.

Eu penso que nós precisamos tirar lições da natureza. Uma enchente como esta, embora cause prejuízos à população, nós temos que tomar algumas atitudes que são fundamentais. A primeira delas é a gente tirar as pessoas do local em que elas estão correndo risco de vida; a segunda é cuidar



da alimentação, a terceira é cuidar da saúde. Aí você tem que esperar a água baixar, para fazer um levantamento dos prejuízos que a enchente causou, para você começar a trabalhar estradas, reconstrução de casas, reconstrução de estradas estaduais, de estradas vicinais, porque é assim que a gente faz. O que nós precisamos fazer é, no local em que a gente percebe que vai dar enchente no ano que vem, a gente tentar não fazer mais nada, mudar ou melhorar, para que a gente não seja vítima outra vez de outra enchente.

Como o Brasil é muito grande, nós vivemos climas muito... Na semana que vem, eu devo ir visitar a região do sul do País onde estamos vivendo problema de seca. O estado de Santa Catarina é pequeno. Vocês viram, pela televisão, que passou praticamente o ano inteiro embaixo d'água, no final do ano passado. Você tem, a 500 metros, a cidade de Chapecó, que vive um problema de seca dentro do estado de Santa Catarina. Então, nós temos que cuidar disso, e cuidar tentando ajudar naquilo que for possível ajudar.

O que eu pedi para o governador Wellington é que, como ele vai na semana que vem a Brasília... Deus queira que esta nuvem que está aqui se dirija para o Rio Grande do Sul, para Santa Catarina e para o Paraná, onde está precisando de chuva, e não chova mais aqui agora. Baixando a água, eu espero que em uma semana, a Defesa Civil e os prefeitos tenham condições de construir um projeto das coisas que foram os prejuízos, para que a gente possa, então, começar a agilizar a liberação de recursos para consertar isso.

**Jornalista:** E a burocracia?

**Presidente:** A burocracia existe, e existe porque durante 30 anos o Brasil não cresceu, mas criaram normas de fiscalização enormes. Então, você tem que cumprir o ritual, porque senão você está fora da lei. E se estiver fora da lei, você será processado. Então o que é preciso é combinar agilidade na liberação dos recursos e agilidade na execução dos projetos. Essas duas coisas



acontecendo, eu acho que a gente pode minimizar o sofrimento do povo quando tiver uma enchente.

**Jornalista:** Presidente, como está (incompreensível) a pressão para tirar o seu ministro José Múcio?

**Presidente:** Não existe pressão.

**Jornalista:** Não?

**Presidente:** Não.

**Jornalista:** (incompreensível)

**Presidente:** Eu estou quase contratando você como meu assessor político, porque não existe. Ontem eu fiz uma reunião com o ministro, com o presidente da Câmara, com o líder do PMDB, com o líder no Senado. Todos eles foram prestar solidariedade ao José Múcio.

A última pergunta gente, porque eu tenho que ir para Bacabal.

Ecologicamente correta. Uma pergunta.

**Jornalista:** O senhor citou o aquecimento global. Já está sentindo o senhor, como líder da gente, uma referência de repercussão no nosso país?

**Presidente:** Veja, eu acho que o mundo inteiro está se dando conta de que o ser humano não pode continuar no século XXI sendo irresponsável como foi no século XX. Ou seja, antes parecia absurdo alguém defender que não se cortasse uma árvore, alguém defender que não se poluísse uma água, alguém defender que não se fizesse alguma coisa errada.



Hoje as pessoas estão se dando conta porque as mudanças estão aí. Ou seja, faz mais frio onde fazia mais calor, faz mais calor onde fazia mais frio, os rios estão enchendo mais, as enchentes estão sendo mais constantes, os terremotos estão voltando. Ou seja, o planeta é pequeno, tem seis bilhões de habitantes, se nós não cuidarmos disso com carinho, nós vamos pagar o preço da irresponsabilidade.

Gente eu vou ter que ir embora.

(\$31EGJLP)